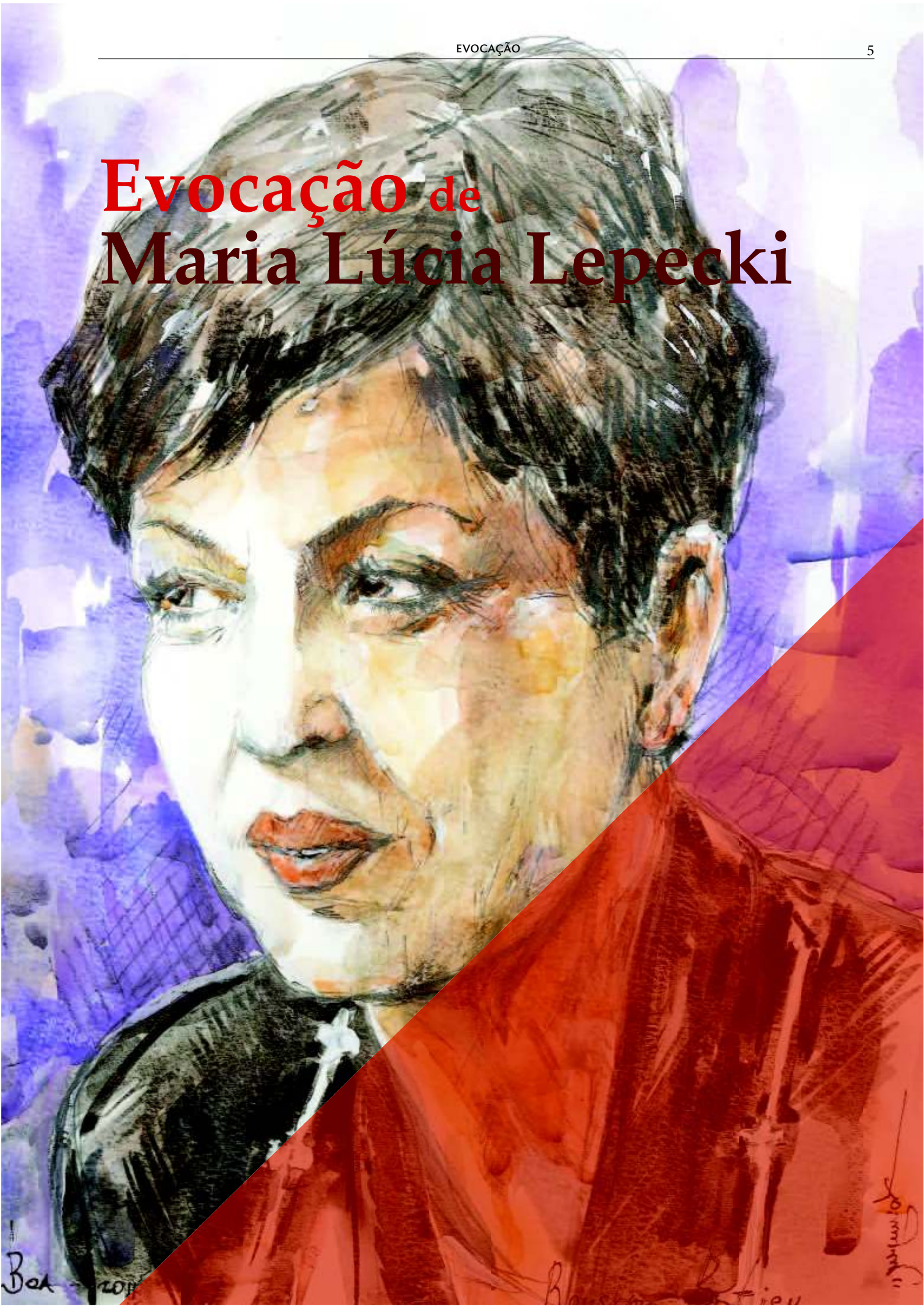


Evocação de Maria Lúcia Lepecki



Maria Lúcia Lepecki

Escritora, investigadora, ensaísta, crítica literária, professora

Beatriz Weigert

¹ Leia-se “Evocação de Maria Lúcia Lepecki”, AB_Óbidos, 08 de Agosto de 2011.

² Correia da Fonseca, “Na vez de ouvir as palavras”: “Vale a regra. E foi de acordo com ela que me tomei espectador assíduo da ‘Travessa do Cotovelo’, rubrica ainda recente da TV 2, onde a gestão de Maria Lúcia Lepecki desde o início surge como garantia de qualidade”, *Jornal*, publicação 26.07.2011.

³ Maria Lúcia Lepecki, *Sentimentalismo: Contribuição para o Estudo da Técnica Romanesca de Camilo*. Belo Horizonte: s.n., 1967; *O Tempo no Romance Português Contemporâneo: Fernanda Botelho, s.l.: s.n., 1969; Eça na Ambiguidade* (Crítica Literária). Fundão: *Jornal do Fundão*, 1974; *Autran Dourado: Uma Leitura Mítica*. São Paulo: s.n., 1976; *Ideologia e Imaginário: Ensaio sobre José Cardoso Pires*. Lisboa: Moraes, 1977; *Romantismo e Realismo na Obra de Júlio Dinis*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1979; *Meridianos do Texto*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1979; *Para Uma História das Ideias Literárias em Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980; *Sobreimpressões: Estudos de Literatura Portuguesa e Africana*. Lisboa: Caminho, 1988; *Uma questão de ouvido: Ensaios de retórica e de interpretação*. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

Maria Lúcia Lepecki, professora catedrática da Universidade de Lisboa, distingue-se como voz atuante em várias áreas da cultura da Língua Portuguesa. Sua palavra veicula-se em modalidades editoriais da imprensa escrita e falada, contando-se a publicação em livros e periódicos, gravação de programas radiofónicos e televisivos.

Nascida em Araxá, Minas Gerais, a 27 de fevereiro de 1940, é em Belo Horizonte que faz sua formação académica, licenciando-se em Letras Neolatinas na Universidade Federal de Minas Gerais, ali obtendo o Doutorado (1967) e a Livre Docência (1969). Realiza pesquisas, principalmente relacionadas com a Literatura Portuguesa, na Sorbonne e na École Pratique de Hautes Études. Em Lisboa, faz estágios como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian.

Leciona matérias da sua área científica de eleição - Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea e Teoria Literária - na Universidade de Lisboa (1970-2008) e em Universidades estrangeiras, de Utreque, Lovaina, Paris III, orientando teses de Doutorado. Conferencista internacional e professora convidada, em anos sucessivos, nas Universidades de Brown, Paris IV, Oxford e Nottingham. Colabora com a Escola de Formação de Professores do Ensino Secundário da Cidade da Praia, sendo uma das responsáveis pela criação da licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses, embrião da Universidade de Cabo Verde. No CLEPUL - Centro de Literaturas de Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa, tanto como Diretora, tem a seu cargo a coordenação de linhas de investigação.

Distingue-se na imprensa periódica, mantendo coluna de Crítica Literária no *Diário de Notícias*, participando na Revista *Colóquio-Letras*, colaborando em revistas e jornais portugueses e estrangeiros. Entre esses, contam-se *Seara Nova*, *Silex*, *Diário Popular*, *Diário de Lisboa*, *África*, *Jornal de Letras* (Portugal), *Expresso*, *A Capital*; Suplemento Literário de *Minas Gerais*, Suplemento Literário do *Estado de São Paulo*, *Vozes*, *Jornal de Letras* (Brasil), *Sillages* (Poitiers), *Voz di Povo* e *Fragmentos* (Cabo Verde). Na revista *Super Interessante*, mantém, de 1998 a 2011, a página “A vida íntima das palavras”.

Na programação radiofónica e televisiva, marcam-se suas intervenções culturais, em forma de entrevista (Antena 2)¹, Revista feminina *Frou-Frou* (1995 - RTP) e a rubrica *Travessa do Cotovelo* (2006- RTP2)².

Maria Lúcia Lepecki integra-se em entidades associativas e obtém distinções. É membro da Associação Internacional dos Críticos Literários e da Associação de Estudos Clássicos do Brasil. Faz parte da Direção Executiva da Associação Portuguesa de Escritores, no período de 1975 a 1977. É Vice-Presidente da Associação Internacional de Lusitanistas (Paris) de 1984 a 1986, e Presidente da Associação de Professores de Português de 1986-1988.

Recebe, em 1977, o Prémio Nacional da Crítica, da Fundação Cultural do Distrito Federal, Brasília, pelo ensaio *Autran Dourado: Uma Leitura Mítica*. Em 2000, é condecorada, pelo Presidente da República de Portugal, como comendadora da Ordem de Sant’Iago da Espada. Em 2004, é agraciada, pela Associação Portuguesa de Escritores, com o Grande Prémio de Ensaio Literário pelo livro *Uma questão de Ouvido: Ensaios de Retórica e de Interpretação*.

Ao seu falecimento, ocorrido a 24 de Julho de 2011, publicam-se homenagens a Maria Lúcia, pela dedicação cultivada por ela, aos valores da Língua Portuguesa. Instituições de ensino e personalidades do mundo das letras sinalizam o testemunho de reconhecimento.

Absorvida pelas Literaturas da Língua Portuguesa, Maria Lúcia inaugura sua obra³ com a edição de estudos sobre Camilo Castelo Branco, seguindo-se-lhe os livros sobre Fernanda Botelho, Eça de Queirós, Autran Dourado, José Cardoso Pires e Júlio Dinis. O conjunto dos ensaios críticos, abrangendo as datas de 1970 a 2002, vêm com os títulos de *Meridianos do Texto*, *Sobreimpressões* e *Uma questão de ouvido: Ensaios de Retórica e de Interpretação*. Essas coleções

reúnem trabalhos divulgados em diferentes órgãos de comunicação.

São as lições de Maria Lúcia, que se estendem para a crónica. São ensaios que brotam da experiência de sala-de-aula, do diálogo com os alunos, da elaboração da escrita científica:

você acabou de anotar tudo sobre um livro há apenas três meses atrás, escreveu na altura o texto que lhe tinham pedido e agora está a preparar uma aula sobre a mesmíssima obra. Vai às fichas e já nada daquilo serve: na sua cabeça já está o embrião de um novo sentido.⁴

Lepecki ressalta a busca do sentido, demonstrando que o trabalho da crítica literária “se faz de palavras ditas por causa de outras”. O contexto do livro marca as palavras e essas encaixam-se no contexto da nossa imaginação. Há, por aqui, “uma espécie de território intermédio habitado pelo que o livro diz e pelo que nós nos vamos dizendo por causa do livro”.⁵

Sobre o item da receptividade das mensagens, a Professora recorda:

Lembro-me de um aluno que há anos atrás apresentou um trabalho oral, longamente preparado, em curso de mestrado. Era de excelente nível, bem estruturado, convictamente apresentado com grande cópia de argumentação e ainda maior fartura de termos técnicos.⁶

Ao elogio pela precisão científica do texto apresentado, segue-se o exercício de descodificação: “como se fosse para seu irmão de doze anos”. Zonas de obscuridade semântica admitem questões que se esclarecem. Ressalta-se, por essa via, na prática, o princípio básico da vida intelectual, que exige do emissor a elaboração da mensagem em adequação ao alcance do receptor.⁷

O propósito de ensinar firma-se no modo como Maria Lúcia desenvolve seu trabalho. Estrutura rigorosa, a clareza estabelece-se já nos textos preambulares⁸. Posiciona-se o Eu-emissor do discurso, diante do Tu-receptor com a finalidade de conduzir o curso da leitura, antecipando as linhas da reflexão.

Destaquem-se títulos apelativos, como os que abrem os livros sobre Autran Dourado e José Cardoso Pires, a complementarem-se com os das antologias de ensaios críticos. Leia-se “Introdução ou recado ao leitor em jeito de historieta”, que encabeça *Autran Dourado (uma leitura mítica)*. Compare-se com “Intróito ao que há-de ser, ou onde o desejo espera”, em *Ideologia e Imaginário (ensaio sobre José Cardoso Pires)*. A seguir “Prefácio: o Centro da Mente”, de *Sobreimpressões* e “Introdução: Retórica, Interpretação, Espírito”, de *Uma Questão de Ouvido: Ensaios de Retórica e de Interpretação Literária*.

Os títulos podem conter o chamamento afetivo, o vezo emocional que dispara o entendimento com o leitor, diga-se, a aproximação entre orador e ouvinte. É “recado ao leitor”, mas “em jeito” de comunicação-“historieta”, que pretende ser narrativa. É promessa “ao que há-de ser”, é provocação da curiosidade para o “centro da mente”, ou para a relação entre os conceitos que unem “retórica” a “espírito”.

As escritas preambulares tanto quanto sublinham sua localização no espaço da obra, declaram cientificamente seu género: Introdução, Intróito, Prefácio. É referência discursiva, pode ser ritual-litúrgica. Componentes de carácter afetivo e científico formulam-se em estilo coloquial, dirigindo-se ao leitor. Assim, lê-se intenção e agradecimento, acrescentados de justificativas que vão da escolha do título do livro à fundamentação teórica.

Na entrada dos *Estudos de Literatura Portuguesa e Africana*, a escritora confessa a procura de designação-síntese para o trabalho realizado. *Sobreimpressões* quer abranger o processo do discurso crítico, em que se sobreimprimem intertextualidades, agindo em “polifonia máxima”, movimentando-se em direção a noções que se atraem até ao encaixe, aflorando o sentido. Para esse objetivo, transitam retórica e interpretação, em “demanda que, sendo, sem dúvida, intelectual, é, sobretudo, uma extraordinária experiência espiritual”, mesmo “religiosa”. Maria Lúcia completa asseverando: “Nada tenho a opor: sempre

⁴ “Deixe aboborar”, *Super Interessante*, n.º 33, Janeiro 2001, p. 22.

⁵ *Ibidem*.

⁶ “Paus e pedras”, *Super Interessante*, n.º 20, Dezembro, 1999, p.28.

⁷ *Ibidem*.

⁸ Lucília Gonçalves Pires, “Prólogo e antiprólogo na época barroca”, in Maria Lúcia Lepecki et alii, *Para uma história das ideias literárias em Portugal*. Lisboa: INIC/CLEPUL, 1980, pp. 31-57.

⁹ Maria Lúcia Lepecki, *Uma questão de ouvido*, op. cit., p. 22.

¹⁰ Maria Lúcia Lepecki, *Ideologia e Imaginário*, op. cit., p.15.

Pertencendo à biografia intelectual, vem o depoimento sobre o registo da Língua Portuguesa em Portugal: "No princípio, foi um tantinho complicado compreender a minha língua tratada pela boca lusa. Não em função do léxico (que nunca me ofereceu problemas) mas por causa da prosódia." Maria Lúcia Lepecki, "Flutuantes Vozes", Colloque *La Langue Portugaise, Le Bresil, La Lusophonie, La Mondialisation Linguistique: Un Nouveau Regard*, organisé par la Mairie de Montreuil et l'Association Arara, les 16, 17 et 18 novembre 2005.

¹¹ *Ibidem*, p. 19.

¹² Maria Lúcia Lepecki, "O centro da mente", in *Autran Dourado*, op. cit. p. 13.

achei ser Deus a metáfora do sentido"⁹. Justifica-se a relação anunciada, "retórica, interpretação, espírito", ao nome de Deus.

A escrita preambular, além de entregar a base da fundamentação teórica, considera o percurso de aquisição de conceitos, o trilho que a ensaísta perseguiu para encontrar aquele conhecimento. Nesse item, o traçado de uma "biografia intelectual"¹⁰ esboça-se. E Maria Lúcia tem "historietas" diferenciadas para ilustrar seu aprendizado e suas perquirições.

Em *Autran Dourado*, conta as investidas em busca da estrutura da análise, a escrita-desescrita-reescrita, em que parece difícil achar "o início do fio desse bordado". Até que se revela "o problema da cosmovisão mítica das vivências típicas do *homo religiosus*", servindo mito e rito para organização do desenvolvimento da análise com Intróito e Canon a constituírem partes do texto. No propósito da leitura mítica e análise sociológica, Maria Lúcia pretende atingir, através do texto ficcional, a vida latente no subtexto Histórico-cultural.

Em Cardoso Pires, relata sua formação eclética, com trânsito da sintaxe e morfologia do Latim a teorias e teóricos da Literatura. Já docente da Universidade de Lisboa, Lepecki recebe da Faculdade de Letras a responsabilidade pela disciplina Literatura e Mito - Tematologia Literária, campo de preferência, sabe-se. No tocante ao livro, revela que, para chegar ao entendimento da obra do autor, emprega "árido" esforço. Era preciso compreender o país, "compreender melhor todas as escritas que na [vossa] realidade profundamente se enraízam". Em *Ideologia e Imaginário*, a ensaísta pretende "uma perspectiva marxista" para mostrar "como uma opção ideológica trabalha os dados do imaginário". E, tendo a impressão de cinematografia em Cardoso Pires, Maria Lúcia investiga se o cinema "teria produzido uma revolução do imaginário de tal ordem que qualquer forma do ficcional, pudesse contaminar-se do *finjimento* fílmico." E vai "à teorização da conaturalidade" entre o discurso do filme e a narrativa de Cardoso Pires". E, a confiar no julgamento do leitor, a investigadora reitera a "pertinência da hipótese [...] tão fascinante como lógica"¹¹.

Como se vê, sendo ato presente, a introdução relata o ato passado da pesquisa e da elaboração, enquanto é também ato judicativo, uma vez que avalia a matéria tratada, o leitor e mesmo a ensaísta. Maria Lúcia, referindo-se às suas tantas buscas e correções, queixa-se de que "o raciocínio rangia fragorosamente nas dobradiças", para sublinhar mais tarde haver "larguíssimas, dezenas de páginas, a ranger novamente nas dobradiças". Forma de apresentação de trabalho, Maria Lúcia desculpa-se: "assumi o risco de piorar, com a emenda, um soneto que já não seria grande coisa"¹².

Em *Autran Dourado*, Maria Lúcia confessa ter sido o livro escrito com amor e sofrimento, no convívio de fantasmas da infância, gentes e coisas de Minas, havendo mais do que todos o fantasma "de mim mesma, menina". Em Cardoso Pires, a vivência é com Portugal, com Alentejos, Minhos, Ribatejos e Algarves, na evocação-invocação de personalidades que a ajudaram na compreensão do país.

E é em *Ideologia e Imaginário* que vem o projeto "ao que há-de ser ou onde o desejo espera":

Não chegarei, talvez, lá para tão grande amor será porventura muito curta a vida. Não importa: é este o lugar futuro onde o meu desejo habita. E se alguma pretensão tenho com o trabalho agora publicado, é a de fazer dele o meu oráculo. Antecipo uma realização e, tal fazendo, na espera realizo.